

Memorial do Colégio Farroupilha: 20 anos de “Vontade de Memória” (2002-2022)

Danielle Brum Ginar Telles
*Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
daniellebgt@gmail.com*

Resumo: Esta comunicação apresenta as primeiras impressões sobre o Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS, tendo a observação como metodologia escolhida, passeia por uma breve contextualização histórica do colégio para então discorrer sobre a “vontade de memória” desse espaço de memória. Levantam-se as ideias e os objetivos iniciais da pesquisa de Mestrado que tem como foco central pesquisar o conceito “vontade de memória” na construção dos espaços de quatro instituições educativas centenárias, o Colégio Farroupilha, o Colégio Sinodal, o Colégio Bom Conselho e o Colégio Americano.

Palavras-chave: Memorial do Colégio Farroupilha, Vontade de Memória, História da Educação, Patrimônio Escolar.

Introdução

Ainda que haja dúvida se foi uma simples coincidência ou o *alinhamento dos planetas do Sistema Solar* que propiciou esse momento, este trabalho carrega um entusiasmo contido – porém autêntico – de uma arquivista, agora mestranda da Educação, que encontrou no campo de pesquisa da História da Educação um espaço produtivo para expandir seu interesse por arquivos escolares, seus reflexos na sociedade e sua produção de Memória e História.

Entendo ser oportuno ratificar, já no início deste texto, que essa arquivista não vai de encontro aos pensadores que insistem em dizer que as análises são imparciais, que podemos ser objetivos sem relacionar nossas experiências com o que é pesquisado. Acredito que todas as nossas análises são parciais, o que conseguimos é por vezes tentar ser menos parciais. Seguindo esse caminho lógico, também acredito que não existem arquivos, museus e espaços de memória neutros, pois há neles sempre a intenção de alguém dizer algo, de parecer algo.

A ideia inicial para o desenvolvimento da dissertação de Mestrado era pesquisar os documentos existentes dentro de um

arquivo escolar público e investigar suas potências como modificador de uma comunidade, contudo a pesquisa se transformou e ao longo das aulas e das orientações foi emergindo uma inquietude, um questionamento em não só analisar uma escola e um arquivo, mas espaços de memória de instituições educativas.

A pesquisa tem como objetivo investigar quatro espaços de memória de instituições educativas, três em Porto Alegre e uma no município de São Leopoldo, analisando como e por que se constituíram, o que produzem e quem administra esses espaços, tendo no conceito base da “vontade de memória” (VIDAL; PAULILO, 2020) um norte para iniciar essa caminhada. As instituições e seus espaços de memória que – possivelmente – serão pesquisados ao longo do Mestrado são o Colégio Farroupilha, o Colégio Sinodal, o Colégio Bom Conselho e o Colégio Americano. São instituições centenárias criadas por entidades religiosas nas quais é sabido que existem espaços de memória; instituições que decidiram, de algum modo, guardar e contar suas memórias. Pretendo, por meio da pesquisa, entender quais foram o motivador e as pretensões com esses espaços.

Esta comunicação tem por objetivo apresentar minhas primeiras impressões sobre o espaço de memória conhecido como Memorial do Colégio Farroupilha, pertencente ao Colégio Farroupilha, na cidade de Porto Alegre, com o qual, por estar completando vinte anos de existência (2002-2022), achei simbólico começar. Busco analisar sua “vontade de memória” (VIDAL; PAULILO, 2020), o que esse espaço escolheu mostrar e o que decidiu não mostrar. Utilizei a observação como metodologia para a construção deste relato.

Ao buscar no dicionário o significado de *vontade*, encontro que é a “faculdade que tem o ser humano de querer, de escolher, de livremente praticar certos atos; capacidade de escolher, de decidir entre alternativas possíveis” (HOUSSAIS, 2004). Já para *memória*, utilizo como referência o livro Guilherme Augusto Araújo Fernandes¹⁷. O personagem principal aprende com seus vizinhos – moradores de um asilo – que memória é algo que nos faz rir e chorar, vale ouro, é quente e algo bem antigo. Posso dizer ainda, de modo inicial,

¹⁷ Livro infanto-juvenil que ensina de forma leve e lúdica o que seria memória: FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque Book, 1995.

que *memória* é tudo aquilo que vivenciamos e queremos lembrar, pois nos é precioso – pasmem, eis já aqui um momento de seleção de momentos vividos para que sejam promovidos para o nível de memórias.

Partindo desse princípio, quando me foi apresentado o conceito “vontade de memória” (VIDAL; PAULILO, 2020), prematuramente o resumi à ação de querer guardar memórias, tão pouco sabia eu que tal conceito é muito mais amplo que os significados das palavras *vontade* e *memória* encontrados. Conforme os autores:

[...] é a partir de um presente, que pode se situar no passado, que os acervos foram constituídos, por vezes, organizados e preservados. As questões contemporâneas ao ato da guarda guiaram uma vontade de memória, expressa no significado atribuído aos documentos conservados [...] há que se atentar para a existência de várias camadas de temporalidade do que consideramos outrora. (VIDAL; PAULILO, 2020, p.13)

Com base nesse meu primeiro contato com o conceito, e mesmo que ainda não tenha conseguido compreendê-lo em sua totalidade, já me foi possível entender que essa “vontade de memória” (VIDAL; PAULILO, 2020) é também uma decisão consciente de alguém ou de uma instituição de estudar os pormenores existentes nesses fragmentos de memória. É querer guardar memórias, é preocupar-se com o fato de as análises não serem estáticas assim como o tempo, a sociedade e as culturas também não são. É explicitar a intenção do espaço por meio das escolhas feitas para seu acervo, é entender que esses lugares guardam pedaços, frações de momentos cheios de motivos que os fizeram ser guardados.

Segundo Escolano Benito (2017, p. 273), sobre patrimônio escolar, “esses bens são buscados, conservados e difundidos, porque nos pertencem e nos definem como sujeitos históricos-culturais. [...] são essenciais no processo de constituição de uma identidade compartilhada”. Hoje os bens intelectuais também são considerados patrimônio escolar, o que me faz acreditar que a produção resultante dessa “vontade de memória” (VIDAL; PAULILO, 2020) pertence ao patrimônio de sua instituição educativa.

Antigo Casarão, hoje Colégio Farroupilha

Na busca por indícios e contextualização em torno da construção do espaço de memória Memorial do Colégio Farroupilha, notei a necessidade de trazer pedaços¹⁸ da história da instituição. A instituição escolhida é reconhecida regionalmente¹⁹ por seu trabalho com a disseminação de conhecimento por meio de seu memorial.

O Colégio Farroupilha como conhecemos hoje, localizado em um espaço amplo e bem estruturado na cidade Porto Alegre, tem em seu passado outros formatos, mas se há um ponto norteador que não mudou desde 1886 – data de sua fundação – é o entendimento de seus diretores – cada um em seu tempo – sobre a multiplicação do conhecimento e a necessidade de se estimular e tornar possível que sua comunidade tivesse acesso às informações e aos saberes do mundo. (BASTOS; JACQUES; ALMEIDA, 2013).

Em 1962, finalmente, o colégio se muda para o endereço atual, e é no ano de 2002 que acontece a criação do espaço de memória, conhecido naquela época como Memorial do *Deutscher Hilfsverein* ao Colégio Farroupilha. “Em 2002, nasceu da necessidade de se contar e preservar a história da instituição, sua comunidade, bem como, da história da educação em Porto Alegre” (JACQUES, 2013, p. 58). E foi a partir dessas informações que me desloquei para conhecer o Memorial do Colégio Farroupilha, na busca por respostas.

Memorial do Colégio Farroupilha

Ao visitar o memorial, em maio de 2022, encontrei-o localizado no prédio administrativo B, no andar térreo, ao fundo, mas não escondido. Não cheguei a notar se existem placas dentro do prédio que sinalizem como chegar até ele. Todavia, gostaria de entender por que foi colocado atrás de um *monumento* que impede sua visão já desde a porta.

É feito de paredes de vidro que possibilitam sua observação já do lado de fora. Nesse espaço podemos observar exposições perma-

¹⁸ Os livros *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858-2008)*, vol. I e II, das organizadoras Maria Helena Camara Bastos, Alice Rigoni Jacques e Dóris Bittencourt Almeida, dedicam-se a relatar a história do colégio e da associação com riqueza de detalhes.

¹⁹ Existem muitas publicações de universidades localizadas ao longo do estado do Rio Grande do Sul que comprovam a importância desse colégio e de sua história bem como o trabalho do seu memorial.

nentes e exposições temporárias que vão sendo trocadas conforme os eventos da escola ou da cidade vão ocorrendo. O ambiente é iluminado, nada claustrofóbico, apresenta uma coerência na disposição e intenção de sua organização. Tratando-se de acessibilidade, como mencionado antes, o centro de memória fica no térreo e possui espaços amplos, então, analisando apenas o espaço físico, acredito que esteja apto e seja adaptado para receber pessoas com necessidades especiais.

Ao longo do espaço encontrei mobiliário antigo da escola, vestimentas (uniformes), fotografias, cadernos de aula e cadernos de alunos, documentos escolares, reportagens, livros publicados sobre o espaço e seu acervo.

[...] guarda, em seu acervo, cadernos escolares, documentos da escola, fotografias de aluno, professores, livros didáticos, boletins, convites de formatura, uniformes, canetas tinteiro, mata-borrão, instrumentos de laboratórios, máquinas de fotografia, computadores, mimeógrafos, gravadores, etc. (JACQUES; GRIMALDI, 2013, p. 81).

Por meio de conversa informal com a responsável pelo memorial, Alice, descobri que a escola coloca anualmente um horário para o centro de memória nas grades curriculares de todas as séries. Nesses períodos os alunos deslocam-se até o espaço para ter aula e os conteúdos sempre estão relacionados com assuntos das outras disciplinas.

O memorial possui seu cronograma específico de atividades que inclui atendimento interno para funcionários e alunos, aulas programadas ao longo do ano para os alunos do Colégio Farroupilha e atendimento ao público externo (não só a comunidade direta de pais e familiares); o local também recebe para atendimento, pesquisas e oficinas alunos de graduação e pós-graduação de universidades do estado do Rio Grande do Sul inteiro. Durante nossa conversa, Alice explicou como funcionaria uma aula dentro do espaço, ou em sala de aula, sendo momentos em que os alunos estudam, pesquisam e aprendem por meio do acervo sobre a cidade de Porto Alegre, as tradições alemãs, o passado e o presente, como eram as políticas e/ou como se movimentava a Educação em décadas passadas.

Acredito que seja esse o papel do memorial, trabalhar as três dimensões: *guardar*, *pesquisar* e *ensinar*. Por meio do processo de salvaguarda de um arquivo com finalidade, relação entre seus itens e intenção de ser um arquivo temos a dimensão do *guardar memória*. Com a abertura do memorial para pesquisa, e por existirem publicações de diferentes níveis de saberes, entendo que mais uma dimensão esteja sendo contemplada, a de *pesquisar*, e a terceira, mas não menos importante dimensão (possivelmente a mais difícil de se pôr em prática), é a do *ensinar*, conseguir integrar o acervo e as atividades do espaço com o cronograma acadêmico estudantil, proporcionar novos conhecimentos, como mencionado anteriormente.

É possível notar que as divisórias no ambiente que criam espécies de *salas/laboratórios* foram divididas com placas transparentes que, após um trabalho minucioso, possuem os nomes de diversos ex-alunos da escola. São tantos nomes que as perguntas já começam a borbulhar em nossas mentes: Quem seriam? Quais suas memórias do colégio? Suas histórias?

Consciente ou não, essa ação transmite para o visitante um sentimento de bloco, união, força, profundidade. Olhando como visitante, ao percorrer o memorial, passando por divisórias repletas de *pessoas*, tive aquela sensação de grandiosidade, de quantas histórias existem com esses nomes. Será que todos têm a mesma visão da escola e do memorial?

É como se o memorial sussurrasse nos ouvidos: *olhem, observem, podem contar os inúmeros nomes de muitos que já passaram por aqui, falem sobre isso, falem de mim, vejam minha grandiosidade, esta é minha contribuição, encantem-se.*

Olhando como pesquisadora e arquivista, entendo que ao produzir divisórias dessas dimensões a responsável aplica técnicas para chamar, envolver e instigar os visitantes a realizarem perguntas e pesquisas. Decidi que, como eu estava em meu primeiro contato com o espaço levantaria apenas as impressões para em uma nova visita tirar minhas dúvidas.

Quanto ao acervo, meu olhar de arquivista já produziu mil perguntas, como: Existe algum procedimento/técnica para preservar os documentos? Se sim, quais? Quais foram os critérios utilizados para decidir o que ficaria e o que seria eliminado do acervo? Existe

catalogação, inventário, controle? Se sim, qual e no que se baseia? Qual o entendimento por “documento de arquivo”?

Nesse primeiro contato não tive acesso ao inventário, tão pouco às fichas catalográficas e ao sistema usado para deixar o acervo digitalmente acessível. Eu pediria para ver a catalogação e o inventário, entretanto preferi me ater às sensações e aos descobrimentos que me seriam ofertados pelo ato de observar.

Quanto ao acervo, este vem da junção de material encontrado nos arquivos antigos do colégio bem como da Associação Beneficente Educacional (ABE) de 1858 e do “arquivo produzido pela professora Lia Mostardeiro, que lecionou como alfabetizadora por mais de cinquenta anos na escola, e organizou álbuns e fotografias” (JACQUES; GRIMALDI, 2013, p. 83).

Ao longo da conversa ficou subentendido que, atualmente, a Alice já consegue iniciar um diálogo com professores e funcionários para que a cada final de período letivo haja uma averiguação dos materiais produzidos, garantindo, assim, que o acervo seja sempre alimentado com informações pertinentes sobre a instituição e seus sujeitos.

Esse acervo está quase que em sua totalidade catalogado e inventariado para pesquisa *online*. Muitas pesquisas e trabalhos emergiram e foram publicados²⁰ por meio do acervo do Memorial do Colégio Farroupilha, material que enriquece o campo de História da Educação, fomenta mais interesse por parte da comunidade universitária e retorna para a instituição como potencial para enriquecer o ensino.

Fui levada a crer, ao longo da minha observação, que o memorial segue buscando acrescentar na vida dos alunos e da comunidade como um todo. Questiono-me, visto que visitei o centro de memória

²⁰ Algumas publicações:

BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.) Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e histórias (1858-2008). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013 (v. I); 2015 (v. II);

TELLES, Leandro; MENEZES, Naida. Abe 150 anos O passar dos tempos e a Educação: a excelência na história do Colégio Farroupilha. Porto Alegre: [S. ED], 2012.

JACQUES, Alice Rigoni. O ensino primário no Colégio Farroupilha: do processo de nacionalização do ensino à LDB N 4.024/61 (Porto Alegre/RS: 1937/1961). 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto alegre, 2015.

apenas uma vez, se há a intenção de “vontade de memória” (VIDAL; PAULILO, 2020), ao longo das três dimensões, em que se propõe trabalhar e existir, por parte do espaço e de sua instituição.

Surpreendo-me ao questionar-me se esse não é um local *figurante* nas rotinas da sua instituição; local para um simples “guardar memórias” e “montar exposições de uniformes antigos”. Nesse primeiro contato com o centro fiquei em dúvida se a instituição educativa dá real importância ao memorial. Por que não existe um cargo de arquivista, considerando que existe uma expertise desse profissional que poderia somar no trabalho técnico do memorial?

Que o Memorial do Colégio Farroupilha é local vivo, cheio de atividades, transmissão de conhecimentos, não há a menor dúvida. Um local que provavelmente seguirá existindo e fazendo a diferença na história da Educação mesmo que a sua instituição acabe. Por que não existe a construção de protocolos administrativos para que esse centro de memória possa receber documentação dos demais setores previamente analisados?

Confesso que houve encantamento de minha parte pelo espaço analisado. É preciso se pôr em meu lugar: uma arquivista acostumada com locais abandonados, sujos, esquecidos, ao se deparar com um espaço amplo, aberto, repleto de memórias saltando aos olhos, fica fascinada. Mas buscarei, ao longo da pesquisa, praticar o estranhamento para tentar ser o mais imparcial possível.

Considerações finais

O objetivo desta comunicação era relatar minhas impressões iniciais quanto ao Memorial do Colégio Farroupilha e sua “vontade de memória” (VIDAL; PAULILO, 2020) enquanto espaço de memória bem como relatar meu entendimento, ainda que inicial, sobre esse conceito que propus utilizar como base desta pesquisa.

Já é possível citar algumas nuances do conceito-chave da pesquisa bem como se nota a necessidade de mais visitas a esse centro de memória para que seja possível a construção de minha pesquisa como um todo. Sinto que esse memorial tem muito ainda para me ensinar em conjunto com os outros três selecionados: Bom Conselho, Sinodal e Americano.

Ficou claro que ao longo da pesquisa do Mestrado será preciso aprofundar o conceito de vontade de memória bem como conseguir estranhar esse e os outros espaços de memória, uma vez que não cabe a mim, enquanto pesquisadora, julgar como esses espaços foram construídos e sim, a partir da descrição, conseguir problematizá-los.

Referências

- BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, v. 1.
- BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, v. 2.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas: Editora Alínea, 2017.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.
- JACQUES, Alice Rigoni. A Associação Beneficente e Educacional de 1858 e o Colégio Farroupilha (1886). *In*: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p.51-76
- JACQUES, Alice Rigoni; GRIMALDI, Lucas Costa. O Memorial Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha: um espaço de Ensino e Pesquisa (2002). *In*: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. (orgs.). **Do Deutscher Hifsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 77-91
- VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. Arquivos e Educação: Prática de arquivamento e memória. **Revista de Educação Pública**, v. 29, p. 1-17, jan./dez. 2020.